

O REFLEXO DA VIOLÊNCIA PATERNA NA FORMAÇÃO DO SER SOCIAL E SUA INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO ESCOLAR

Isaias Batista de Oliveira Junior*
juniorartigos@hotmail.com

RESUMO

Objetiva-se através da abordagem sociocultural proposta por Vygotsky (2007) caracterizar a formação social do indivíduo através das relações estabelecidas entre os seres humanos em seu ambiente físico, social e familiar. Pode-se observar que o baixo rendimento escolar de duas crianças poderia estar relacionado à violência física ou emocional provocadas pela figura paterna no espaço doméstico, identificadas através de Avaliações Psicopedagógicas aplicadas com as vítimas e sua mãe, para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, em um município na região norte do Estado do Paraná, Brasil. Para a análise da influência da violência deu-se enfoque ao contexto sociocultural, no qual estes sujeitos estão inseridos, estruturado por situações adversas como pobreza, conflitos familiares, alcoolismo e autoritarismo paterno que associados produzem uma ecologia propiciadora de atos violentos e induzem a um baixo rendimento escolar. Enquanto escola e educadores precisamos nos atentar que o processo de aprendizagem desses alunos deve ser analisado levando em consideração não apenas às dificuldades individuais que eles apresentam em sala de aula, mas o conjunto de suas características pessoais, familiares, escolares e sociais aos quais estão projetados.

Palavras-chave: violência Física; violência psicológica; desempenho escolar; psicopedagogia; ensino fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Guiados pela abordagem histórica cultural, proposta por Vygotsky (2007), que caracteriza o indivíduo como um produto social da sua cultura através da interação e mediação entre os indivíduos de uma mesma sociedade tentou-se através de uma análise contextual narrar como os sujeitos se relacionam em ambientes familiares, o que nos permitiu observar a influência de determinados aspectos nas organizações desses sistemas e no desenvolvimento biopsicossocial da criança e do adolescente (IVIC, 2010; FONTANA, 1997; REGO, 1995).

A origem desse estudo decorre de relatos de situações de violência intrafamiliar sofrida por dois sujeitos, confirmados pelas mães, com consequentes implicações no desempenho escolar e no processo de formação do ser social.

Dentre os sistemas que integram a formação humana, a família é considerada um microsistema, por ser mais próxima ao indivíduo, constituída por ambientes que interagem

* Doutorando em Educação pela UNESP. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Pós-Graduado em Gestão Escolar. Pós Graduado em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Pós Graduado em Neuropedagogia na Educação. Graduado em Nutrição pela Universidade Filadélfia de Londrina, Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina. Licenciando em Pedagogia pela UNICESUMAR.

diretamente com o sujeito estabelecendo com ele um vínculo primário (LORDELO et al., 2002).

Para Azevedo (2001, p. 37) nesses microssistemas há uma rede de “subsistemas em permanente interação para a produção da violência na família e tais sistemas são relativos ao desenvolvimento ontogênico, ou seja, os efeitos da história dos pais refletem em suas práticas de criação dos filhos”.

Podemos conceituar os sistemas onde a violência ocorre baseada na vizinhança, suas características e o tipo de suporte social ofertado aos microssistemas como um exossistema. E como macrossistema os dados relativos às características da Sociedade e da Cultura na qual se dá a violência (AZEVEDO, 2001).

No microssistema familiar, independente de sua configuração, é que se traduzem as características mais expressivas na formação biopsicossocial do indivíduo. Para o Ministério da Saúde (2001) família constitui-se em um grupo de pessoas com vínculos afetivos, de consanguinidade ou de convivência.

A família é o primeiro núcleo de socialização dos indivíduos; quem primeiro transmite os valores, usos e costumes que irão formar as personalidades e a bagagem emocional das pessoas. A dinâmica e a organização das famílias baseiam-se na distribuição dos afetos, criando, no espaço doméstico, um complexo dinamismo de competições (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001, p. 13).

Teoricamente é nesse espaço que se encontra refúgio diante das adversidades ou onde podem ocorrer situações irreparáveis que modificam para sempre a história de vida de seus componentes.

A criança e o adolescente enquanto elemento desse sistema é um ser em completo desenvolvimento físico, social e emocional e para que isso aconteça de uma forma equilibrada é necessário que o ambiente familiar propicie condições saudáveis de desenvolvimento, o que inclui estímulos positivos, equilíbrio, boa relação familiar, vínculo afetivo, a não violência, dentre outros (ROSAS e CIONEK, 2006, p. 11).

No entanto, quando há um desarranjo nesse microssistema, o lugar antes visto como um espaço de acolhimento passa a ser de hostilidade e violência para a criança. Aos olhos de Azevedo (2001, p. 22), a agressão intrafamiliar contra crianças é vista como,

[...] uma violência interpessoal; É um abuso do poder disciplinador e coercitivo dos pais ou responsáveis; É um processo de vitimização que às vezes se prolonga por vários meses e até anos; É um processo de completa objetualização e sujeição da vítima; É uma forma de violação dos direitos essenciais da criança e adolescente enquanto pessoas e, portanto, uma negação de valores humanos fundamentais como

a vida, a liberdade, a segurança; Tem na família sua ecologia privilegiada. Como esta pertence à esfera do privado, a violência doméstica acaba se revestindo da tradicional característica de sigilo.

Primeiramente para definirmos nosso objeto de estudo, precisamos diferenciar a violência doméstica da violência intrafamiliar. A primeira inclui outros membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico e beneficiam-se do sigilo e da privacidade. A segunda, por sua vez, pode ser cometida dentro ou fora de casa por um membro da família, incluindo pessoas que passam em determinada situação assumir a função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder à outra (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

Partindo desses pressupostos, a violência intrafamiliar é caracterizada como sendo toda ação ou omissão que venha a prejudicar o bem estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de algum membro da família. A violência intrafamiliar é expressa por

[...] dinâmicas de poder/afeto, nas quais estão presentes relações de subordinação-dominação. Nessas relações – homem/mulher, pais/filhos, diferentes gerações, entre outras – as pessoas estão em posições opostas, desempenhando papéis rígidos e criando uma dinâmica própria, diferente em cada grupo familiar (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001, p. 16).

Além do benefício da privacidade em que ocorre a violência contra crianças e adolescentes, é necessário reconhecer que na maioria absoluta dos casos, ainda é o sexo masculino que figura no polo ativo das agressões, em idade intermediária, pois de acordo com o Ministério da Saúde (2001, p. 8) “nas estimativas encontradas na literatura internacional, 80% dos abusadores têm idade em torno de 40 anos, e 70% são homens”. As formas de violências causadas por esses indivíduos são potencializadas pelas desvantagens físicas e relação de poder entre agressor e vítima. Assim, as vítimas da violência paterna passarão a experienciar disputas com o pai e que “estimulam sentimentos ambíguos de amor/ódio, aliança/competição, proteção/domínio” (p. 13-14).

A violência paterna é pautada em práticas abusivas e punitivas de ordem físicas, sexuais, psicológicas e de negligência. Dentre essas categorias, Braun (2002, p. 22) define as da seguinte forma,

Violência física: Ocorre quando uma pessoa, que está em relação de poder em relação à outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. Segundo concepções mais recentes, o castigo repetido, não severo,

também se considera violência física. *Violência sexual*: É toda a ação na qual uma pessoa em relação de poder e por meio de força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga uma outra ao ato sexual contra a sua vontade, ou que a exponha em interações sexuais que propiciem sua vitimização, da qual o agressor tenta obter gratificação. A violência sexual ocorre em uma variedade de situações como estupro, abuso sexual infantil, abuso incestuoso e assédio sexual. *Violência psicológica*: Também designada como tortura psicológica, evidencia-se com a interferência negativa do adulto sobre a criança e sua competência social, confirmando um padrão de comportamento destrutivo. Geralmente é associada a outros tipos de violência. *Negligência*: quando a família se omite em prover as necessidades físicas e emocionais da criança e do adolescente.

O homem agressor recorre à violência frequentemente quando não está conseguindo cumprir o seu mandato social. Citamos como fatores que incitam esse conflito a pobreza, o desemprego e o alcoolismo. O Ministério da Saúde determina como características que potencializam a agressão paterna contra crianças e adolescentes, o fato das

[...] famílias serem baseadas numa distribuição desigual de autoridade e poder, conforme papéis de gênero, sociais ou sexuais, idade, etc., atribuídos a seus membros; Famílias cujas relações são centradas em papéis e funções rigidamente definidos; Famílias em que não há nenhuma diferenciação de papéis, levando ao apagamento de limites entre seus membros; Famílias com nível de tensão permanente, que se manifesta através da dificuldade de diálogo e descontrole da agressividade; Famílias com estrutura de funcionamento fechada, onde não há abertura para contatos externos, levando a padrões repetitivos de conduta; Famílias que se encontram em situação de crise, perdas (separação do casal, desemprego, morte, migração e outros); Baixo nível de desenvolvimento da autonomia dos membros da família; Presença de um modelo familiar violento na história de origem das pessoas envolvidas em maus-tratos, abuso na infância e abandono; Maior incidência de abuso de álcool e drogas; História de antecedentes criminais ou uso de armas; Comprometimento psicológico/psiquiátrico dos indivíduos; Dependência econômica/emocional e baixa autoestima da parte de algum (ns) de seus membros, levando à impotência e/ou fracasso em lidar com a situação de violência (2001, p. 23-24).

O reflexo dessas condições é aplicado à criança ou adolescente, na forma de violência e pode afetar direta ou indiretamente as variáveis formativas do ser social e influenciar de maneira substancial no desempenho escolar desses indivíduos.

Quanto à formação biopsicossocial, uma atmosfera propiciadora de atos agressivos no microsistema aos quais esses sujeitos constroem sua identidade de modo intimamente ligado à violência, fará deles, agentes, vítimas ou ambas as coisas em seu próprio processo. Sobretudo poderá incuti-los condições que delimitam de tal forma às estruturas de oportunidades que os levam a crer que a afirmação de identidade e possibilidade de protagonizar a sua própria história de vida só será possível através de roteiros de violência (LORDELO *et al.*, 2002; LONGO, 2005).

No que diz respeito ao desempenho escolar, tomamos como base um estudo realizado por Pereira e Willians (2008, p. 145 e 149) questionando docentes sobre a performance escolar de crianças vítimas de violência intrafamiliar. A grande maioria dos entrevistados apontam que “tal desempenho fica prejudicado, correspondendo a 91% das respostas”. Além disso, “às educadoras mencionaram sequelas que observavam no comportamento da criança vitimizada, principalmente, a agressividade e a indisciplina” e pautado em nossas práxis podemos incluir nessa situação a dificuldade de aprendizagem em uma ou mais área do conhecimento.

O Ministério da Educação (2011, p. 35) corrobora a ideia de que a criança vítima de violência intrafamiliar apresenta como transtorno psicológico “baixo desempenho no rendimento escolar”.

Além disso, a violência tende a privar cada uma dessas crianças e adolescentes de direitos mais básicos, por afetar as expectativas quanto a sua atuação acadêmica, dificultando sua permanência na escola e futuramente, prejudicar sua inserção no mercado de trabalho e desenvolvimento social (BRASIL, 2007). Dessa forma a atribuição desses comportamentos, deverá ser pautada em um conjunto de fatos caracterizado por aspectos pessoais, familiar e escolar.

Pretendemos com tal análise avaliar o impacto da violência paterna formação social e desempenho escolar em crianças e adolescente. A questão central desse estudo é focalizar a forma como a criança apresenta os sintomas de violência no cotidiano escolar. A partir de situações de violências relatadas por essas crianças e suas mães, será possível analisar a relação e interferência dos tipos de violência no desempenho escolar desses sujeitos, e na construção social do indivíduo que figura na posição de agredido. Esses nexos contribuirão para a construção de uma identidade social desses alunos e também para o sucesso ou fracasso no processo de ensino e aprendizagem.

2 O ESTUDO DE CASO

Nossa pesquisa se baseia em estudo de caso. Lavinne e Dionne (1999, p. 155), definem essa estratégia de avaliação como sendo a “observação de um caso, de uma pessoa, de um grupo, de uma comunidade, de um meio, ou então fará referência a um acontecimento especial, uma mudança, um conflito”. O estudo de caso envolve a análise intensiva de um número relativamente pequeno de situações e que possibilita ao pesquisador fornecer explicações do caso em tela e os elementos que compõem e marcam o seu contexto,

enfazando a sua interpretação através de uma linguagem simples e acessível. Embora altamente criticada por muitos autores por apresentar conclusões dificilmente generalizáveis, essa estratégia de pesquisa tem como vantagem mais marcante a possibilidade de aprofundamento, não estando o estudo submetido às restrições comparativas com outros casos (CAMPOMAR, 1991; LAVINNE e DIONNE, 1999; LARA e MOLINA, 2011).

3 A COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu por meio de observações no decorrer dos processos de estágios obrigatórios para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional¹, que abarcou entre seus objetos de interesse as estratégias de avaliação, análise e intervenção em sujeitos com relatos de dificuldade de aprendizagem em uma ou mais área do conhecimento bem como a atuação da instituição escolar a qual estão inseridos.

Para sua efetivação foi avaliada a situação particular de dois alunos da rede pública municipal de ensino fundamental. Uma criança do sexo feminino, de nove anos de idade, a quarta filha de uma prole de cinco irmãos, de uma família heterossexual, residente em um bairro central e estudante de uma escola localizada na zona urbana de um Município inserido na região norte do Estado do Paraná e outro sujeito do sexo masculino, com oito anos de idade, filho único, procedente de uma família heterossexual, morador de um bairro popular do mesmo município e estudante de uma escola localizada nas adjacências urbana.

Por meio de entrevista semiestruturada que de acordo com Laville e Dionne (1999, p. 159) tem como base, o relato e no qual “pode levar em conta suas questões e suas preocupações” foram obtidas informações narrativas das mães, escola e dos dois sujeitos com baixo desempenho escolar. Mattos (2005, p. 844) define como entrevista semiestruturada aquela executada face a face em que há “um diálogo, uma situação de interação, e, diante disso, é menos relevante a simetria de participações do que a tendência a que os significados se devam fortemente à força da presença do interlocutor”. Devidamente registradas e transcritas as narrações dos sujeitos, foram submetidas a uma análise em que são aplicadas as técnicas correntes de análise de conteúdo. Para Moraes (2005) essa metodologia de pesquisa é usada

¹ O curso de Pós Graduação em nível de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional possui em seu conteúdo programático: Estágio Orientado em Psicopedagogia Clínica, com o objetivo de apresentar modelos de intervenção no consultório psicopedagógico, relação (vínculo) terapeuta e paciente e suas implicações na prática psicopedagógica, bem como a abordagem interdisciplinar nos casos clínicos. Estágio Orientado em Psicopedagogia Institucional objetiva a observação e diagnóstico da Instituição, construção da proposta de intervenção psicopedagógica institucional, observação e diagnóstico da Instituição e construção da proposta de intervenção psicopedagógica institucional.

para descrever e interpretar o conteúdo de uma classe de documentos e textos. “Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (p. 08).

As aplicações das entrevistas semiestruturadas foram realizadas no período de agosto a setembro de 2011, constando de duas entrevistas semiestruturadas, uma com uma aluna e outra com sua mãe para o Estágio Clínico em Psicopedagogia. E duas entrevistas semiestruturadas no mesmo período, com um aluno e sua progenitora, na execução do Estágio Institucional em Psicopedagogia.

A família da aluna reside em um bairro na região central e a do aluno em uma região periférica no mesmo município. Ambos possuem facilidade de acesso à rede pública municipal por residirem próximo às escolas.

Foram utilizados também relatos de trajetórias de sua família: estrutura, histórico familiar e situações negativas vivenciadas pela criança no âmbito intrafamiliar. A coleta abrangeu ainda: motivo de encaminhamento, histórico de concepção dessas crianças, evolução psicomotora, histórico clínico e escolar.

Tanto os relatos sobre Mariana e Conrado, quanto os que ele/a fazem sobre si mesmos foram analisados na tentativa de encontrar um sentido para a sua dificuldade de aprendizagem e seu comportamento psicossocial.

Após a coleta dos dados foram selecionadas as situações que enfatizavam a violência paterna contra a criança. As formas de agressão foram analisadas de acordo com as seguintes categorias: violência física, sexual, psicológica ou negligência, através da técnica de análise de conteúdo, obtida pela narração.

Tal constatação foi direcionada no sentido de observar de que maneira uma ou um coletivo dessas formas de violência afetam o processo de aprendizagem dos alunos e como poderá interferir na formação da identidade de tais sujeitos.

4 OS CASOS

A aluna a qual denominamos Mariana², nove anos, estudante do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada na região central da cidade, é a quarta dos cinco filhos de uma família heterossexual oriunda de uma família de baixa renda porém

² A adoção de pseudônimos daqui por diante foi adotada como princípio ético na preservação da identidade dos sujeitos da pesquisa.

vivem em casa própria. A mãe, Madalena (quarenta e um anos de idade) é do lar e possui o ensino fundamental incompleto. O pai, Marcos (cinquenta e um anos de idade) é lavrador e estudou até o segundo grau. O casal separou-se quando Mariana apresentava oito anos de idade. Atualmente, o sustento da família é proporcionado pelo pai com o pagamento de pensão alimentícia. O aluno Conrado de oito anos de idade é estudante do segundo ano do ensino fundamental, filho único de uma família constituída por um casal heterossexual. A mãe, Catarina (trinta anos de idade) é costureira. O pai Caetano (trinta e cinco anos de idade) trabalha como motorista. Ambos concluíram o ensino médio. O provimento do lar é mantido pelo casal que apresentam uma renda média baixa. Não possuem residência própria e residem aos fundos da casa dos avós de Conrado compartilhando espaço com tios e tias.

5 OS SINTOMAS DA VIOLÊNCIA PATERNA A ANÁLISE DOS DADOS

Dentro da estrutura familiar é possível encontrar elementos que estabelecem uma relação de poder e que supõe a presença de agentes figurando pólos opostos, o de agressor – pai – e o de vítimas – Mariana e Conrado.

A aluna Mariana em seus contatos com os pesquisadores apresentava um comportamento dócil, sereno e tranquilo. Sempre muito calma e atenta na execução das atividades solicitadas, ouvia o comando com paciência, para então dar início às suas tarefas. Chamou à atenção dos entrevistadores o fato de ao ser questionada sobre sua família, Mariana, expressou sensações de alívio ao relatar que depois que os pais se separaram e o pai saiu de casa ela viveu mais feliz. Embora vivenciasse em grande parte da sua vida episódios de violência física e psicológica praticadas pelo pai, Mariana, não demonstrou nenhum comportamento agressivo. A aluna chegou até os Psicopedagogos por encaminhamento da própria escola para avaliação Psicopedagógica relatando dificuldade de aprendizagem nas áreas da leitura e escrita, porém com grande facilidade para a matemática.

Devemos considerar tais narrativas no contexto de trajetória de vida da aluna Mariana: a época da avaliação apresentava nove anos de idade, sua gestação foi acompanhada por exames pré-natais e considerada normal do ponto de vista clínico. Seu parto foi humanizado, pesou aproximadamente 4,5 kg ao nascimento. Fora amamentada até três anos de idade com alimentação concomitante e sempre apresentou bom apetite. Começou a engatinhar aos oito meses de idade, sentou-se aos dez e andou com dezoito meses, nessa etapa final demonstrava insegurança e medo de acordo com a mãe. Na fala apresentou dificuldades com trocas silábicas, fato que agravou o seu aprendizado na escola, por escrever como pronunciava.

Atualmente recebe acompanhamento de um profissional da Fonoaudiologia devido aos erros na fala e da Psicologia, porque apresenta alguns problemas emocionais, como baixa autoestima e sono conturbado, podendo ser associados aos maus tratos dispensados pelo pai, pois de acordo com o Ministério da Educação (2001, p. 34 e 35) a criança vítima de violência intrafamiliar pode desencadear transtornos psicológicos, tais como: “transtorno do sono ou da alimentação”; “baixo nível de desempenho escolar” e “baixa auto-estima”.

Os pais de Mariana têm um relacionamento instável, com idas e vindas, estando separados na época da avaliação. Como motivo do divórcio a mãe alega o fato do ex-marido ser alcoólatra, agressivo e muito bravo para com seus filhos. De acordo com Barros (2000) a bebida alcoólica aumenta a violência e às vezes é o próprio disparador dela.

Ao questionar a Madalena, sobre a forma como ela vê sua família, ela percebe sua família acuada e reprimida por medo do pai, que de acordo com ela, não sabe conversar com os filhos, baseando seu diálogo em violência psicológica, através de xingamentos e violência física, através de surras. Assim, Madalena justifica-se ao afirmar “por isso estamos nos separando, tenho medo que isso prejudique ainda mais a Mariana, que sofre com essa situação” (informação verbal).

A mãe relatou que Mariana apresentava feridas pelo corpo, principalmente nas pernas, acompanhada de febre corporal e ínguas pelo corpo, sendo que o Ministério da Saúde (2001, p. 33) associa como uma das manifestações clínicas da violência contra crianças e adolescentes, “transtornos na pele, mucosas e tegumento”. Ao narrar um episódio de alegria e contentamento, como parte da avaliação Psicopedagógica, Mariana relatou que o dia mais feliz da sua vida, foi quando as suas feridas cicatrizaram. Podendo associar esse comportamento a saída do pai do lar.

De acordo com relato da mãe, Mariana, certo dia “foi espancada pelo pai com um pedaço de ferro” (informação verbal), e disse não ter interferido para não ser agredida também, pois como afirma Barros (2000, p. 140), “a mulher apresenta uma relação de medo diante de situações de violência paterna, que a ameaça com violência a ser dirigida aos filhos”, uma vez que

[...] as relações sociais ainda funcionam baseadas num modelo hierárquico, repressivo e autoritário, no qual a mulher se define a partir da posição ocupada pelo marido/parceiro, onde o casamento ou união aparece como apropriação. Isto é particularmente verdadeiro para as famílias de baixa renda (AZEVEDO, 2001, p. 34).

A mãe vê Mariana como uma criança “triste” e que “parece ter um bloqueio”, além de “não ter vontade de ir para a escola” (informação verbal).

O aluno Conrado, a época da avaliação apresentava oito anos de idade e no contato com os pesquisadores exibiu um comportamento agressivo, autoritário, fazendo uso de xingamentos. Tinha dificuldades em se concentrar e obedecer a comandos, quando era questionado sobre algo que desconhecia respondia ao entrevistador “pergunta prá essa daí”, referindo-se a mãe que acompanhava sua avaliação. O aluno chegou para a avaliação Psicopedagógica encaminhado pela mãe, por apresentar dificuldades de aprendizagem e reprovações escolares, que por iniciativa própria conduziu o filho para atendimento multidisciplinar com: Fonoaudiólogo, Psicólogo, Neurologista e Psicopedagogo.

Conrado habita com os pais na mesma residência, sua mãe teve uma gestação considerada normal para os padrões médicos, o parto foi através de cesárea pela ausência de dilatações pré-natais. Conrado foi amamentado até os seis meses de idade. Atualmente não têm horários preestabelecidos para alimentar-se e quando o faz é em frente à televisão e prefere doces e salgados industrializados às refeições preparadas pela família. Começou a engatinhar com oito e andar com onze meses de idade, a época a mãe era do lar e buscava incentivar o processo de desenvolvimento do filho. Falou aos dezoito meses de vida, fazendo várias trocas silábicas, fator que permanece até os dias atuais. De acordo com a mãe, Conrado sofreu um acidente com uma haste flexível de higiene para ouvidos aos dois anos de idade, que pode ter perfurado seu tímpano, atrapalhando sua audição e que tal lesão será constatada por um exame de processamento auditivo a ser realizado em data oportuna, no entanto, o aluno respondeu satisfatoriamente aos comandos de testes auditivos superficiais aplicados na avaliação Psicopedagógica.

Embora passe a maior parte do tempo com o/a avô/ó maternos, pelo fato dos pais trabalharem fora, Conrado, vivencia situações negativas de violência psicológica no espaço intrafamiliar, através de brigas e discussões entre os pais, fato relatado pela mãe. Quando questionada sobre o relacionamento do filho com o pai alegou, “Conrado não tem um bom relacionamento com o pai, os dois se agriem verbalmente o tempo todo” (informação pessoal). “o pai tem um relacionamento muito difícil com o filho, é muito bravo, proíbe muito e exige obediência” (informação pessoal). Ao indagar sobre algum vício do pai, a mãe afirma que ele não possui nenhum. Sobre a reação do pai diante de situações de indisciplinas “o pai se exalta e chega dar palmadas no Conrado” (informação pessoal), que quando repreendido pelo pai costuma retrucá-lo e desobedecê-lo. Afirmou que não gosta da forma como pai e filho se relacionam, pois faltam aproximação e tolerância de ambas as partes.

Em entrevista com Conrado foi constatado que ele gosta muito de armas de fogo, além disso, certo dia levou para a escola uma espingarda que ele mesmo confeccionou alegando que a usaria para atirar nos demais alunos, de acordo com informações prestadas pela Diretora Escolar.

Durante a entrevista, Conrado afirmou a vontade que tem de dar um tiro no traseiro do seu pai para que ele pare de incomodá-lo. Alegou que quando crescer quer ser da “Tropa de Elite³”, só para poder matar muita gente com metralhadoras. Tal conduta é resultado da violência física e psicológica sofrida por Conrado e atestada por Braun (2002, p. 20), ao despertar na criança sentimentos de: “raiva, de medo quanto ao agressor”; “quadros de dificuldades escolares”; “autoritarismo”, “comportamento agressivo” e “dificuldades de relacionamentos”.

Observando as narrativas das mães sobre Mariana e Conrado, é possível perceber a vivência de situações de agressão paterna aplicada não só a ele/a como às suas progenitoras dentro do microsistema familiar, principalmente pautados na violência física e psicológica, identificada através de relatos de surras, xingamentos, repressões e desprezo. Condições essas que se interceptam em um contexto socialmente adverso, caracterizado pela pobreza, suporte social precário, autoritarismo e alcoolismo.

A análise dos episódios em seu conjunto pode indicar que Mariana embora tenha convivido a maior parte da sua vida com situações de violência, não demonstra ter herdado características agressivas. No entanto, apresenta transtornos de aprendizagem, desmotivação e baixa autoestima como consequências possíveis das agressões sofridas. Ao término do estudo, Mariana residia apenas com os pais e irmãos e relatava ser uma pessoa mais feliz desde que o pai mudou-se de casa. Tal fato foi comprovado pelo salto qualitativo no processo de aprendizagem nos últimos meses da aluna, que coincidem com a saída do pai do espaço doméstico em relato fornecido pela docente ao ser questionada sobre o desempenho escolar da aluna.

O histórico de Conrado, ao contrário de Mariana, demonstra que ele vem construindo a sua identidade interligada a violência, demonstrada pelo ódio que expressa pelo pai, pela indiferença a figura materna, pelos sentimentos de vingança evidenciados pela vontade em atirar no pai. Os sintomas da violência física e psicológica praticadas contra ele são

³ Tropa de Elite é um filme brasileiro de 2007, dirigido por José Padilha, que tem como tema a violência urbana na cidade brasileira do Rio de Janeiro e as ações do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

explicitados em sala de aula pela agressividade, baixo rendimento e conseqüente reprovação escolar relatados pela professora regente do referido aluno.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados apontados neste estudo, para a criança vítima de violência doméstica, a incluir a violência destinada pela figura paterna, o baixo rendimento escolar pode ser caracterizado como a presença de dificuldades de aprendizagem em determinadas áreas do conhecimento. Assim, o desempenho escolar desse aluno deve ser analisado levando em consideração não apenas as dificuldades individuais que ele apresenta, mas o conjunto de características pessoais, familiares, escolares e sociais as quais este aluno está inserido (WILLIANS e ALBUQUERQUE, 2008).

Devemos nos conscientizar que a escola enquanto um sistema de inserção desses alunos pode colaborar de maneira significativa para a formação social da criança e adolescente vítimas desse tipo de violência, além de estimular o sucesso escolar ao reconhecer que esses sujeitos têm necessidades educativas distintas e necessitam de atendimento especializado, não só porque são vitimizadas, mas, pelo compromisso da escola com a promoção da cidadania e a qualidade de vida desses indivíduos.

Apontamos como estratégias a solidificação de políticas de prevenção que venham a promover a visibilidade dos processos de violência intrafamiliar, desconstruindo o conceito de que a ela é algo inerente a autoridade paterna, reforçando o conceito de que práticas agressivas são constituídas culturalmente e por isso pode ser eliminada da convivência social.

Para que isso se efetive, a escola deve ser envolvida, os formadores de opinião, os profissionais dos meios de comunicação, os legisladores, os gestores públicos e demais promotores e executores de políticas educacionais, buscando criar uma consciência do conteúdo das políticas e informações dirigidas à comunidade e a necessidade de mudanças nesse aspecto (BRINO e WILLIANS, 2003, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001).

Como estratégias paliativas apontamos que é preciso criar e fortalecer os espaços de atenção às vítimas da violência, composto por equipes multidisciplinares que prestem atendimento clínico as lesões físicas, assistência psicológica individual e familiar, apoio escolar especializado, assistência social e legal.

Nós educadores em nosso processo de formação - tanto inicial quanto continuada - precisamos reconhecer que uma ecologia propiciadora de atos violentos dentro dos sistemas, nos quais Mariana e Conrado estão inseridos e vem construindo suas identidades de modo

intimamente ligado à violência podem fazer deles agentes, vítimas ou ambas as coisas em seu desempenho escolar e desenvolvimento psicossocial.

Se nos atentarmos a essa questão, considerando a teoria histórico cultural de Vygotsky (2007), de que o indivíduo é um produto do seu meio social, o comportamento por eles adquiridos nunca poderá ser considerado *per se*, mas sim culturalmente determinados. Façamos então a *mea culpa*, tomemos o problema como nossa e assumamos a nossa responsabilidade com a formação social de nossos educandos.

THE REPERCUSSION OF PATERNAL VIOLENCE IN THE FORMATION OF THE SOCIAL BEING AND ITS INFLUENCE IN THE SCHOOL PERFORMANCE

ABSTRACT

Objective through the sociocultural approach proposed by Vygotsky (2007) characterize the social formation of the individual through the relationship between human beings in their physical environment, social and family life. It can be observed that the poor academic performance of two children could be related to violence caused by physical or emotional father figure in the home, identified through reviews Psychopedagogical applied with the victims and their mother, to obtain the title of Specialist in Educational Psychology Institutional and clinic, in a town in northern Paraná State, Brazil. To analyze the influence of violence gave up approach to the sociocultural context in which these subjects are inserted, structured by adverse conditions such as poverty, family conflicts, alcoholism and paternal authoritarianism associated to produce an ecology pledge of violent acts and induce a low school performance. While schools and educators need to pay attention to the learning process of these students must be analyzed taking into account not only the individual difficulties they have in the classroom, but the set of personal characteristics, family, school and social which are designed.

Keywords: physical violence; psychological violence; school performance; psychopedagogy; elementary school.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Amélia. GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência Psicológica Doméstica: Vozes da Juventude**. Laci – Laboratório de Estudos da Criança. PSA/IPUSP. 2001.

BARROS, Mari Nilza Ferrari de. Violência contra a mulher: as marcas do ressentimento. **Rev. Psicol. Soc. Instit.**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 129-148, dez. 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e Diversidade sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: MEC/SECAD, 2007.

BRAUN, Suzana. **A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo.** Porto Alegre: AGE, 2002.

BRINO, Rachel de Faria. WILLIANS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Capacitação do educador acerca do abuso sexual infantil. **Interação em Psicologia**, p. 1-10, 2003.

FONTANA, Roseli. CRUZ, Nazaré. A abordagem histórico-cultural. In: FONTANA, Roseli. CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, p. 57-68, 1997.

IVIC, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky. In: IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (Org.). **Lev Semionovich Vygotsky.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LARA, Ângela Mara de Barros. MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. GONZAGA, Maria Tereza Claro. **Metodologia e Técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas.** Maringá: EDUEM, p.121-172, 2011.

LAVINNE, Christian. DIONNE, Jean. **A construção do saber.** Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: ArtMed/Editora, UFMG, 1999.

LONGO, Cristiano da Silveira. Ética Disciplinar e Punições Corporais na Infância. **Psicologia USP**, p. 99-119, 2005.

LORDELO, Lia da Rocha. BASTOS, Ana Cecília de Sousa. ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de. Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, p.31-40, jul./dez. 2002.

MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de. **A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise.** RAP. Rio de Janeiro 39(4): 823-47, Jul./Ago. 2005

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência Intrafamiliar: Orientações para práticas em serviço.** Brasília: MS; 2001.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PEREIRA, Paulo Celso. WILLIANS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. A concepção de educadores sobre violência doméstica e desempenho escolar. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE).** v. 12. n. 1, p. 139-152, Janeiro/Junho 2008.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROSAS, Fabiane Klazura. CIONEK, Maria Inês Gonçalves Dias. O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. **Conhecimentos Interativos**, São José dos Pinhais, PR, v.2, n.1, p.10-15, jan./jun. 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Formação social da mente.** Martins Fontes. São Paulo. 2007.



Recebido em 23 de fevereiro de 2014. Aprovado em 01 de abril de 2014.